

## **O Audiovisual Como Ferramenta Para Reescrever a História e a Memória: Um Caso Brasil Paralelo<sup>1</sup>**

Júlio Cesar Cruz Alves<sup>2</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi

### **RESUMO**

Este trabalho observa como a utilização, cada vez maior, do audiovisual como ferramenta política de grupos de extrema direita está transformando a política nacional e colaborando para a popularização política de grupos e personalidades conservadoras. Entendendo a Brasil Paralelo como o grupo mais popular a realizar tais produções, este trabalho procura discutir os seus meios de produção e seus objetivos, para então refletir como, a partir do seu filme mais famoso, “1964: O Brasil Entre Armas e Livros”, a empresa consegue influenciar os rumos da política brasileira para uma visão mais conservadora e liberal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil Paralelo; revisionismo; ditadura militar; documentário.

### **INTRODUÇÃO**

A Brasil Paralelo, fundada em 2016 na cidade de Porto Alegre, surgiu no contexto de acalorado debate político. O Brasil vinha lidando com uma série de manifestações, como as grandes de 2013 que tinham como uma das suas principais pautas o aumento da tarifa de transporte (Mariana Schreiber, 2023). Além disso, houve início em 2015 as manifestações contrárias a então presidente Dilma Rousseff, que se perpetuaram até 2016 (Liz Batista, 2016), ano em que houve a concretização do impeachment (Agência Senado, 2016). Nesse contexto político, social e cultural, surge então a Brasil Paralelo (Nicolazzi, 2019), com o objetivo de propor uma reflexão sobre a origem daquela crise social e política (Da Silva, 2023). O grupo se descreve, em seu site, como uma empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação, que possuem como missão resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros. E a partir de palestras,

---

<sup>1</sup> Trabalho feito para ser apresentado no grupo de trabalho “Documentário como forma de (re)conhecimento: possibilidades, impactos e limitações”, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil; orientado pela Profa. Dra. Sheila Schvarzman; e-mail: juliosulon@hotmail.com

cursos, produções audiovisuais e da sua plataforma de streaming, hoje possuem mais de 400 mil assinantes e 4 milhões de inscritos no Youtube.

Apesar de afirmarem neutralidade enquanto do posicionamento político da empresa, muitas são as ações que contradizem esse discurso e permitem um entendimento do grupo enquanto de extrema direita e conservador. A “BP” possui bons valores enquanto missão, conceito associado popularmente com ideias e opiniões conservadoras e liberais. Possuem como corpo de especialistas em suas obras membros da “onda neoconservadora que se arvorou nos últimos anos” (Da Silva, pg.142, 2023), são encabeçados pelas crenças de Olavo de Carvalho e possuem o objetivo de combater o “marxismo cultural” que afirmam existir com dominância nas instituições de ensino do Brasil (Da Silva, 2023). Além disso, a empresa presa pela narrativa de posse da verdade. No site do grupo existe a verdade como parte dos valores da empresa, em muitos dos e-mails e mensagens de whatsapp que são enviados pela empresa existe sempre a menção a uma verdade, em algumas produções audiovisuais existem um momento em que se discute como a Brasil Paralelo está apresentando a verdade, justificada como resultado de uma pesquisa independente e imparcial, realizado com o não financiamento público. O discurso da posse da verdade, para ser fortalecido, é feito a partir do ataque aos meios acadêmicos. Dessa forma, para legitimar o conhecimento produzido e apresentado nas obras do grupo, que muitas vezes contradizem trabalhos acadêmicos feitos sobre o assunto, eles procuram deslegitimar as instituições de ensino. Da Silva (2023, pg.126), observa que a empresa questiona a “postura acadêmica considerada por eles de deturpação da verdade histórica pela ideologia comunista devido a alta incidência do chamado “marxismo cultural” entre os intelectuais brasileiros. Portanto, caberia a eles, os produtores da “Brasil Paralelo”, apresentar ao público nacional uma outra interpretação de fatos da história”. Finger (2021, pg. 88), observa que a empresa realiza esse objetivo “pelo modo como apresentam sua narrativa, a partir de uma noção de “verdade” inquestionável e única”. Seus especialistas, então, produzem estudos que vão contra a doutrinação que afirmam ocorrer nas instituições de ensino. Dessa forma, muitos temas sensíveis são discutidos pela empresa, incluindo a Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985).

Em 2019, a empresa postava em seu canal do Youtube o filme “1964: O Brasil Entre Armas e Livros”. O documentário foi visto por milhões de pessoas, e em 2025 bateu

a marca de mais de 11 milhões de visualizações. A rápida popularidade da obra reflete a popularidade da empresa responsável pela sua produção, que reflete o período de seu surgimento.

## **1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS**

No documentário “1964”, observamos um padrão de comportamento que são marca registrada de suas produções. Eles tomam da história da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), e apresentam uma narrativa que está “eivada de um revisionismo alheio aos preceitos da historiografia consolidada sobre a ditadura e sem conexão com a realidade” (Da Silva, pg. 135, 2023). Apresentam, como membros de especialistas do filme, figuras da direita como Olavo de Carvalho, William Waack e Luiz Felipe Pondé. Observam o entendimento da Ditadura Civil-Militar enquanto da manipulação fruto do marxismo cultural e apresentam o outro lado da história, o lado dos militares, o lado que é de desejo de grupos de esquerda o esquecimento. Utilizam da má relação com as instituições de ensino para as acusarem de censura. Justificam a má recepção com a ideia de ser uma verdade que incomoda nos espaços tidos como de esquerda (Mourão, 2020). Entendem-se revolucionários com sua produção, ao entendimento que nas mídias tradicionais não existem personalidades do espectro político que se situam (Borges, 2019).

Para fortalecer o discurso de neutralidade, o fim do filme apresenta a conclusão de que sim, houve uma ditadura, justificada principalmente com o AI-5. Porém, existe a justificativa das ações realizadas pelos militares como sendo necessárias para enfrentar a esquerda e uma iminente ditadura comunista. Então, tal qual eles acusam os militares de terem realizado uma ditadura civil-militar, eles a justificam. Picoli, Chitolina e Guimarães (2020, pgs. 18-19) observam a identificação de um inimigo como um fator presente no discurso da direita brasileira e que é explorada ao longo da obra, sendo “utilizada para justificar o golpe de 1964 e minimizar as perseguições políticas, torturas, assassinatos e ocultação de cadáveres perpetrados por agentes do Estado durante o período: as violações foram, se não necessárias, justificáveis”. Para isso existem 4 meios de desenvolvimento de narrativa. A primeira sendo o desenvolvimento do vilão. Holanda (2024, pg. 4) observa enquanto característica de projetos fascista audiovisuais a “eleição do “comunismo” como o inimigo central” ao qual se é atribuído a responsabilidade pelos males

contemporâneos. O comunismo na obra é observado enquanto o mal que foi necessário combater, justificando as ações tomadas por sua oposição. Lopes e Buzalaf (2020, pg.2) observam que “o argumento é de que o golpe de 1964 foi uma resposta à ameaça de um “golpe comunista” e de que a violência no período também só foi praticada porque os “comunistas” estavam se organizando para tomar o poder”. O vilão na história parece se encaixar em uma história clássica de bem contra o mal, como quando em um momento do documentário, um dos entrevistados observa “a instauração do Regime Militar em 1964 representou a extirpação de uma doença, o comunismo no Brasil” (Da Silva, 2023, pg. 143).

O segundo meio é a linguagem. A linguagem é fundamental na construção de um documentário. É nela que acontece a mediação entre a informação e o usuário (Lara, 2004). Ramos (2013, pg. 23) entende a voz over, estabelecendo asserções, enquanto “uma voz que possui saber sobre o mundo, enunciada, em geral, por meio de tonalidades grandiloquentes”, e esse estilo está presente na narrativa da obra, complementado com a fala de pessoas que contribuem com seus relatos pessoais enquanto ferramenta de prova, o discurso dos especialistas visando enriquecer o prestígio da produção, além de gravações históricas. O uso da linguagem utiliza uma seleção de palavras que atribuem intensidade para a narrativa. Ela é acolhedora e questionadora ao falar dos militares, permitindo novas interpretações sobre o que acreditam ser ideias erroneamente aceitas, tomando de exemplo os capítulos 10 e 13, um se chama “os generais de 64 foram ditadores?”, palavras neutras e questionadoras são utilizadas, permitindo o questionamento da ideia, outro se chama “a marcha onde milhões de brasileiros disseram não ao comunismo”, palavras neutras e diretas, afirmando algo. Ao se falar da oposição, o uso das palavras muda, se torna agressiva e violenta, como nos capítulos 6 e 7, chamados de “A União Soviética planejou um plano maligno para o Brasil” e “Brasília aproximou o Brasil do reino do terror”, as palavras perdem a neutralidade e se tornam ferramenta de intensidade para atacar um lado. Além disso, em um momento do filme, um dos especialistas utiliza o termo “meia ditadura” e “ditadura abstrata”, termos que não possuem significado, apenas o pessoal do autor, utilizando da linguagem enquanto ferramenta abstrata para fortalecer discursos.

O terceiro meio de produção da narrativa é o controle da história e dos fatos. Holanda (2024, pg. 11) observa que “os produtores dessas obras parecem partir do

princípio de que a maioria do público não conhece mesmo os assuntos que são abordados. Assim, importam muito os efeitos com os quais as informações são transmitidas, mais que o conteúdo em si”. Da Silva (2023, pg.125) observa que na obra “1964”, “os produtores tiveram a intenção de realizar um trabalho histórico, com clara intenção de disputa da memória histórica nacional utilizando como instrumento a revisão do passado, promovendo uma “nova interpretação” da história brasileira”. Quais fatos serão apresentados e qual história será contada é essencial para fortalecer uma narrativa que possui uma missão pré-estabelecida. Então, como exemplo, ao falar da marcha da família com Deus pela liberdade (1964), é apresentado que a marcha possuía também um viés de manifestação contra João Goulart e contra os comunistas, o que seria a prova de que todos os brasileiros estavam de acordo o pensamento. Porém ao falar das manifestações estudantis contra o regime militar, os estudantes são acusados de serem massa de manobra, algo que não representa o interesse real dos brasileiros. Picoli, Chitolina e Guimarães (2020, pgs. 18) observam que no filme “afirma-se que os jovens são usados como “massa de manobra” ao serem influenciados para contestar crenças, valores e tradições, a “verdadeira cultural”. Chegando a afirmar que uma considerável parcela desses jovens não fazem ideia do porquê saem as ruas, e que o fazem apenas pelo desejo de aceitação social”. Em outro caso, ao falar sobre o caso no qual comerciantes Chineses foram presos acusados de serem espões comunistas (1964), o documentário apresenta esse fato para justificar que existia sim um interesse chinês na implementação do comunismo no Brasil, e uma das provas seria uma matéria do jornal “O Globo” no qual informava “A carta dos chineses é a prova final da espionagem no Brasil”, porém essa notícia foi desmentida e é tomada como um dos primeiros atos inconstitucionais realizado pelos militares, pois os “espões” eram apenas comerciantes (Zerbetto, 2023). Dessa forma, existe o interesse em apresentar a história de uma maneira que sustente a narrativa desejada, mesmo que para isso, as sustentações não sejam éticas, entendendo ética enquanto “um conjunto de valores, coerentes entre si, que fornece a visão de mundo que sustenta a valoração da intervenção do sujeito nesse mundo” (Ramos, 2013, pg. 33).

O quarto meio de produção da narrativa é a montagem. A montagem se assemelha as características de documentários de voz over observado por Bill Nichols, “É uma voz que emana da totalidade da presença audiovisual de cada filme: a seleção dos planos, o enquadramento dos personagens, a justaposição das cenas, a mixagem dos sons, o uso de

títulos e intertítulos – de todas as técnicas por meio das quais o cineasta fala de uma perspectiva distinta sobre um dado assunto e procura persuadir os espectadores a adotar sua perspectiva como se fosse a deles”. (Nichols, 2016, pg. 29). Tomando de exemplo na introdução, ao falar da União Soviética, o filme apresenta uma fábrica escura, com um forte tom cinza, mas ao falar dos Estados Unidos, apresenta imagens coloridas de pessoas trabalhando, bebendo, dançando. Além disso, para representar o que está sendo dito, não existe a preocupação ética com a origem das fotos. Um momento que ficou muito famoso e foi removido posteriormente, devido a polêmica que gerou, foi quando, ao falar sobre a guerrilha do Araguaia, foi utilizada uma foto de Sebastião Salgado, tirada no garimpo de Serra Pelada para representar a guerrilha. Portanto, não existe o interesse ético de ligação entre o discurso e a imagem. A montagem serve para, proposto por Lindeperg como artifício de uma “realidade aumentada”, manter os “telespectadores na ilusão de que todos os acontecimentos do passado teriam sido filmados” (Lindeperg, 2015, pg. 23), para que então possam ser utilizados como prova absoluta das asserções apresentadas.

Dessa forma, utilizando desses quatro meios de construção de narrativa, o filme “1964: O Brasil Entre Armas e Livros”, apresenta uma versão revisionista acerca da ditadura civil-militar brasileira. Uma obra que possui como missão resgatar os bons valores e possui como valor uma verdade já estabelecida. Para justificar a narrativa dos militares, apresenta o comunismo enquanto vilão a ser combatido, utiliza do discurso para reforçar o lado bem e o lado mal, utiliza de histórias e fatos que favoreçam a narrativa e utilizam de uma montagem que traz intensidade a história, fortalecendo a construção do lado bom e do lado ruim. Como resultado, ao ler os comentários disponíveis na página do Youtube do filme, onde existem mais de 77 mil comentários, existe uma devoção a Brasil Paralelo, com pessoas agradecendo a empresa por apresentarem a verdade, enquanto criticam as escolas, faculdades e profissionais de ciências humanas por terem mentido, escondido a verdade. O filme, por seu fim, fortalece o discurso liberal e conservador. Fico (2017, pg. 37) observa que “não há nada de estranho no surgimento de memórias confortáveis após eventos traumáticos. Essa é a reação natural das sociedades e costuma ser um dos caminhos mais comuns, muito embora a memória traumática ou a frustração também ocorram. Seja como for, cabe aos historiadores deslindar a gênese desse complexo fenômeno”.

## CONCLUSÃO

O filme “1964: O Brasil Entre Armas e Livros”, demonstra como a Brasil Paralelo utiliza do audiovisual e do formato consolidado dos documentários para apresentar um filme que se vende como arquivo histórico, mas que possui outro objetivo. A obra cumpre seu papel de enfraquecer o prestígio das instituições de ensino e órgãos públicos, desenvolve o medo de um inimigo imaginário na população, para que assim, possam apresentar a sua verdade, visando influenciar os rumos da política brasileira para uma visão mais conservadora e liberal enquanto lucra com ela.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Liz. Cronologia: protestos de 2015 a 2016. Estadão, 11 de março de 2016. Disponível em: <https://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,cronologia-protestos-2015-a-2016,12157,0.htm>. Acesso em: 30/03/2025.

BORGES, Ítalo Nelli. O paralelismo do absurdo: 1964–o Brasil entre armas e livros e seus desserviços históricos e Sociais. Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia (ISSN 2179-6386), v. 10, n. 2, p. 152-166, 2019.

DA SILVA, Jose Alexandre; COLACIOS, Roger Domenech. 1964-O Brasil entre armas e livros: Negacionismos e revisionismo da história. Revista de Historia Social y de las Mentalidades, v. 27, n. 1, p. 122-159, 2023.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas [1]. Revista Tempo e Argumento, v. 9, n. 20, p. 5-74, 2017.

FINGER, Vinícius. História, Mídia Digital e Anti-ciência: A quimera narrativa do canal Brasil Paralelo. Historiæ, v. 12, n. 2, p. 83-104, 2021.

Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. Agência Senado, 28 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://senado.leg.br/noticias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 30/03/2025.

Holanda, Karla. Audiovisual e extrema direita no Brasil. Revista Observatório. 2024.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Linguagem documentária e terminologia. Transinformação, v. 16, p. 231-240, 2004.

LOPES, Elton Vinicius Telles; BUZALAF, Márcia Neme. A Construção Estereotipada do Comunista no Filme 1964–o Brasil Entre Armas e Livros. Cadernos da Escola de Comunicação, v. 17, n. 1, p. 160-173, 2020.

MOURÃO, Mônica. A verdade da direita: a produção audiovisual de memória sobre a ditadura de 1964. AVANCA| CINEMA, p. 434-442, 2020.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papyrus editora, 2005.

NICOLAZZI, Fernando. O Brasil Paralelo produz história? 23 de março de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R71LxS5FhD8&t=4s>. Acessado em: 12/03/2025.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo—uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos, v. 10, n. 1, 2020.

PICOLI, Bruno Antonio; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta. Revisionismo histórico e educação para a barbárie: a verdade da " Brasil Paralelo". Revista UFG, v. 20, 2020.

RAMOS, F. P. Mas afinal, o que é mesmo um documentário? São Paulo: Senac São Paulo, 2013

SCHREIBER, Mariana. Dez anos de junho de 2013: os efeitos dos protestos que abalaram o Brasil. BBC News, 7 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv281p5znrjo>. Acesso em: 30/03/2025.

ZERBETTO, Rafael Henrique. O “Caso dos 9 chineses”: 59 anos a espera de justiça. Revista Fórum, 11 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/o-201ccaso-dos-nove-chineses201d-59-anos-a-espera-de-justica>. Acessado em: 31/03/2025